

Jornal Contato.

A/c Sr. Paulo de Tarso

Histórico entre Fazenda Ronda Grande x Família Moura x Ergplan.

Eu, João Batista Ferreira (aposentado) 78 anos, (neto) de Guilherme Antonio de Moura olegítimo proprietário das terras da Fazenda Ronda Grande documentada desde 1898, venho através dessa oportunidade que o Jornal Contato nos proporcionou para expor à opinião pública a nossa versão da história, sobre a briga que envolve a Família Moura x Ergplan x Casas Pias, contribuindo assim para elucidar um pouco mais os fatos e mostrar que apesar de todas as dificuldades que já tivemos, sempre agimos com muita honestidade, nunca desrespeitamos a Justiça e nem mesmo sequer os nossos oponentes, como no caso agora o principal deles que é a Construtora Ergplan; Gostaria inclusive através do jornal deixar um recadinho para o Sr. "Cadu" proprietário da mesma....."Sr. Cadu gostaria de lhe pedir um favorzinho: - Deixe de agir com truculência, pois, afinal de contas isso não leva a nada, na justiça ninguém ganha nada no grito é preciso ter provas e documentos, tem que ter origem, demais a mais, toda demonstração de força bruta não passa de um sintoma de fraqueza; Venha expor também sua opinião e seus argumentos no campo do mundo civilizado, faça uso dessa valorosa oportunidade de comunicação que eu sei que o Jornal também lhe ofereceu abra o jogo, mostre suas cartas, se não fica até meio chato a gente ficar aqui falando sozinho; Lembre-se Cadu quem cala consente"..... Voltando ao assunto da fazenda, conforme já relatei ela esta com nossa família desde 1898, a predominância nela sempre foi a criação de gado leiteiro, mas também já teve tempos áureos na produção de frutas, segundo meu avô contava no início do século XX ela também foi forte na produção de madeiras e carvão vegetal, cuja produção eles mesmos vendiam e transportavam tudo até a cidade em carros de boi, mas como tudo nesse país sempre tem seus altos e baixos, algumas vezes o gado teve que ser vendido e o pasto arrendado, foram inúmeros contratos como por exemplo para José Procópio Marques em 1934, cujo qual estou enviando uma cópia para o Jornal Contato. Meus pais falavam também que os tempos da 2ª Guerra tudo era muito difícil para a fazenda. Eu e meu irmão Geraldo Moura (Ado) fomos criados na fazenda, ainda quando éramos crianças, lá pelos anos 50, a fazenda foi arrendada mais uma vez para o Sr. Jaime Pinto dos Santos e nos trabalhávamos pra ele, tirando e entregando leite na cidade de porta em porta, com as carroças da fazenda e ainda patrulhávamos o gado na parte da tarde à cavalo por toda fazenda, cada dia em lugar diferente do outro pois a fazenda era muito grande, toda plana e só havia morro na cabeceira da mesma do lado do Tira-Chapéu, tinha três lagoas era muito bonita. Quando meu avô vendeu uma parte da fazenda para o Dr. Licurgo Barbosa Querido, a mangueira da fazenda que estava instalada, onde hoje temos a pracinha da Rua Cinderela, esquina com a Rua Timóteo de Moura (meu bisavô), mudamos então a mangueira justamente para a área onde hoje

esta o Seu João Barbosa dos Santos vulgo (João Veronezi) aquele local foi escolhido, porque lá era a melhor área para pastagem por estar mais próxima do córrego, com água em abundância, e o capim era de melhor qualidade, suportava 5 vacas por alqueire brincando, quando meu avô morreu meu irmão e eu assumimos as responsabilidades da fazenda, e em meados dos anos 70 tivemos que vender de novo todo o gado, e mais uma vez a fazenda foi arrendada para terceiros, dentre eles o Marcão Boiadeiro, desde os anos 80 o seu João Veronezi, (que ainda está lá) bem como outras pessoas arrendam o pasto e outras partes da área.

Sobre essa disputa de terras o que tenho pra falar é simples, a fazenda de meu avô tinha 100 alqueires paulistas, ao lado dela tinha o sítio Padoan que tinha 15 alqueires, o Sr. João Padoan, sujeito muito prestativo, era compadre do meu avô, batizou a minha tia Ivonne, esposa do tio Célio, eles eram bons vizinhos, as famílias conviviam bem, o Sítio dos Padoan (família corretíssima) foi dividido em 3 partes para o João, o Miguel, e o Eugênio Padoan e nelas consta que eles são confrontantes do meu avô Guilherme Antonio de Moura, uma dessas partes foi passada para os Mariotto, que da mesma forma consta meu avô como confrontante, depois disso a parte dos Mariotto, foi desapropriada pela prefeitura para construir o terminal rodoviário, o horto, e a avenida Sta. Luiza do Marilac, e também dividida, entre os herdeiros, e além disso, me lembro como se fosse hoje quando eu era garoto o sítio deles foi desapropriado para a construção da Dutra, eu ficava assistindo as máquinas trabalhando pra construí-la e um pedaço do meu avô também foi desapropriado. Depois do inventário de alguns membros da família deles (Mariotto) foi quando então começou o rolo pra cima das nossas terras, pois inventaram uma tal de divisão amigável entre eles, mas dividindo o que era dos outros, e partiram pra atacar pra cima de nos, mas nunca passou de papéis fajutos, depois se maculinaram com o Odajaponês (que por incrível que pareça também era afilhado do meu avô Guilherme, que inclusive tinha ganho do meu avô um pedacinho de terra de 3000m² próximo a Casa do Menor) e outros. Depois que fajutaram a documentação, eliminaram o nome do meu avô da documentação deles, e venderam uma área de 102.000m² para a Ergplan, que após fechar o negócio, ela Ergplan foi fazer o reconhecimento da área e tomar posse; Esta última descobriu que documentação não conferia e que a terra estava ocupada pelo gado do Sr. João Veronizi e que nunca havia pertencido ao tal do Sr. Enio Coelho sim ao Espólio de Guilherme Antonio de Moura, que sempre esteve na posse; E o mais curioso de tudo isso foi que a Ergplan entrou com uma ação na Justiça contra os vendedores alegando que eles haviam lhe enganado, a documentação não era da área que o SRI não conferia com o levantamento físico da área e ela ganhou na Justiça, portanto conseguiu provar que comprou gato por lebre que a terra não era deles, de repente do nada ela resolve fazer um acordo nos autos do processo e compra de novo as mesmas terras em questão, que na realidade medem naquele pedaço 182.000 m² e começa a se dizer dona de algo que ela mesmo conseguiu provar na Justiça que era de outra pessoa (minha Tia); A coisa não para por aí, em 2011, com a lei nova, os

Mariotto conseguiu fazer a retificação administrativa da área, via Cartório, sem notificar todos os confrontantes inclusive o Espólio de Guilherme A. Moura e omitindo que a área estava sob-judice; E pó falar em cartório vale a pena lembrar que lá atrás no início dessa história, o Meirimar Barbosa Junior, também colaborou com os inúmeros grileiros que adentraram nas nossas terras, pois ele deu sumiço na planta da fazenda, bem como a pagina do livro de registros onde constava o remanescentes da mesma, após a venda de 62 alqueires para seu primo Dr. Licurgo Barbosa, isso dentro do seu cartório.

João Batista Ferreira.